

Artigos

Silvani Kempf Bolgenhagen¹
Manuela Ferreira²

Os usos sociais dos livros no dia a dia do Jardim de Infância

Resumo: O artigo surgiu a partir de uma dissertação de Mestrado na Universidade do Porto em Portugal, esta pesquisa teve como objetivo compreender a importância dos livros no cotidiano do Jardim de Infância, no que tange aos usos e relações que se estabelecem através deles, quer pelo adulto nas suas interações com as crianças; quer pelas crianças em relação ao adulto, quer pelas crianças entre si. O estudo pautou-se nos pressupostos teóricos da Sociologia da Infância, principalmente a abordagem das crianças como atores sociais históricos, com a sua própria forma de interpretar o mundo e que, socializando com adultos e outras crianças em torno dos usos dos livros no quotidiano do Jardim de Infância, ali produzem e desenvolvem culturas infantis. A coleta dos dados se deu através da observação participante de inspiração etnográfica com crianças de 4-5 anos num Jardim de infância na área metropolitana do Porto permitiu constatar que a maioria dos usos sociais que a educadora fez dos livros i) visaram todo o grupo de crianças; ii) o recurso frequente de estratégias pedagógicas que dialogavam com determinados aspectos das culturas infantis. Por parte das crianças, constataram-se i) usos individuais dos livros, envolvendo o manuseamento, folheio, observação e interpretação de imagens e exploração de dispositivos e ii) usos coletivos de livros em que se destaca o seu uso na reprodução interpretativa do contar/ler histórias e em brincadeiras lúdicas.

Palavras-chave: Crianças; Educadora; Livros; Culturas infantis; Atores sociais

Social uses of books in the daily life of the kindergarten

Abstract: The article came up from a Master's thesis at the University of Porto in Portugal, this research aimed to understand the importance of books in the daily life of the kindergarten when it comes to the uses and relations that are established by their use, either by the adult in the interaction with children; by children in relation to the adult, or by children among themselves. The study was based on theoretical assumptions of the Sociology of Childhood Studies, especially the approach of children as historical social actors, with their own way of interpreting the world, and, by socializing with adults and other children around the uses of books from everyday life in the kindergarten, the reproduction and development of children's culture. Data collection was through participative observation of ethnographic inspiration with children of 4-5 years old in a private Kindergarten in the metropolitan area which allowed us to find that the majority of social uses that educator made from the books i) had in view the entire group of children; ii) the frequent use of pedagogical strategies that dialogue with certain aspects of children's cultures. From children, we could evidence: i) individual uses of books, involving handling, turning, observation and image interpretation and exploration devices and ii) collective uses of books which highlights its use in playback interpretation narrative / read stories and playful games.

Keywords: Children; Educator; Books; Children's cultures; Social actors

1 Mestre em ciências da educação pela universidade das ciências e educação da universidade do Porto – Portugal. Supervisora escolar do município de Florianópolis. E-mail: silkbol@hotmail.com

2 Doutora em Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Portugal. Professora auxiliar na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. E-mail: mauela@fpce.up.pt

Introdução

A pesquisa buscou compreender os usos sociais dos livros para os adultos e para as crianças no cotidiano do Jardim de Infância, principalmente no que tange ao tipo de relações que se estabelecem através destes entre o adulto e as crianças, e entre crianças, e de como essas relações podem contribuir para tornar aquele lugar mais atrativo e fazendo sentido para as crianças.

Na defesa de uma outra concepção de infância e das crianças em que se assume que elas não são objetos passivos da socialização mas sim atores sociais históricos e, portanto, porta-vozes críticos do que vivenciam com o mundo dos adultos e o mundo das crianças, e com suas próprias formas de interpretar o mundo, urge então ir mais além das visões limitadas que, como adultos e educadoras, temos acerca delas. Como refere Qvortrup (2001 apud SARMENTO; GOUVEA, 2009), a infância parece continuar a ser confinada no imaginário coletivo aos “pequenos mundos” - por isso torna-se necessário compreender a educação e a sociedade, a partir do fenômeno social da infância.

Na verdade, já sabemos do quanto é importante às crianças ampliarem o seu conhecimento do mundo através do corpo, da emoção, da cognição e das múltiplas relações sociais em que se envolvem; da curiosidade que as instiga a imaginarem, a sonharem, a perguntarem e a quererem saber e fazer mais, para serem cada vez mais capazes de lidar com situações diversas. Isso tudo pode ser ainda mais ampliado através da experiência cultural com o universo dos livros. Paiva e Oliveira (2010, p. 2) por exemplo, argumenta que a partir do contacto com um texto literário de qualidade as crianças são capazes de pensar, perguntar, questionar, ouvir outras opiniões, debater e reformular seu pensamento. Também Gadotti (2004 apud PAIVA; OLIVEIRA, 2010, p. 2) se pronuncia a esse respeito afirmando que “Desenvolver, desde cedo, a capacidade de pensar crítica e autonomamente, desenvolver a capacidade de cada um tomar suas decisões, é papel fundamental da educação para a cidadania”. Neste seguimento, entender as crianças como alguém inteligente e ativo, que se desenvolve e aprende socializando-se com crianças e adultos, significa considerá-las como atores sociais. Significa também, como coloca Corsaro (2011, p. 31), que dentro das atividades, rotinas, valores e interesses compartilhados entre pares são criadas culturas infantis, ou seja, “as culturas de pares resultam da apropriação de informações do mundo adulto de forma a atender aos seus interesses

próprios enquanto criança”.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa apoiou-se nos princípios do paradigma interpretativo, sendo realizada uma observação participante de inspiração etnográfica com um grupo de crianças de 4 e 5 anos num Jardim de Infância privado da área metropolitana do Porto. Acreditando que através dos usos sociais dos livros que as crianças fazem, elas ampliam modos de sentir e de se relacionar com o mundo e com os outros, porque reelaboram e trocam idéias, pensamentos e experiências, explorando e construindo a sua identidade a partir do confronto entre diferentes opiniões, mas também do diálogo e da escuta, este estudo pauta-se nos pressupostos teóricos da Sociologia da Infância, principalmente no que tange à abordagem das crianças como atores sociais históricos, com a suas próprias formas de interpretarem o mundo, e que, socializando com adultos e outras crianças, produzem e desenvolvem culturas infantis. Porque os livros infantis são vistos como objetos culturais produzidos pelos adultos para as crianças, recorre-se também aos contributos da História do livro e da leitura. Para além disso, uma vez que os livros proporcionam a transmissão, apropriação e trocas dos conhecimentos, procura-se ainda refletir essas negociações entre adulto e crianças como um espaço educativo inclusivo e participativo das crianças na educação da infância, no qual tem se centrado nas relações das crianças entre elas e com os adultos, produzindo culturas de pares em instituições como o Jardim de Infância. Corsaro (2011) dá ênfase para as ações coletivas no contexto social e vê na socialização uma forma de poder compreender a construção pelas crianças de suas próprias culturas de pares.

No entanto neste artigo, estarão sendo abordadas as relações sociais entre as crianças e adultos no manuseio dos livros, tendo como intuito a percepção dos diálogos interculturais entre educadora e crianças, como também dar conta das relações estabelecidas entre seus pares, e as formas de utilização dos livros, individualmente e nas interações em pequenos grupos, demonstrando a reprodução interpretativa que fazem da leitura da educadora, e significados dados nos aspectos das culturas infantis.

Interações da educadora dirigidas para as crianças

Nas observações realizadas, todos os dias a educadora fazia a reunião na manta com o grupo, e ao anunciar com voz melodiosa “-Meninos!!!!...Roda!!!!”, significava que as crianças, aos

poucos, deveriam arrumar os brinquedos no seu devido lugar e se dirigirem para a manta para se reunirem em grupo, fazendo uma “roda”. Todos os dias ela fazia a rotina, que se resumia em cantar a canção do bom dia, contar os amigos que estão presentes, os que estão faltando e também os adultos, ver qual é o dia do mês e da semana para marcar no calendário, essa rotina é feita com o auxílio do ajudante do dia, e é ele que escolhe a música do bom dia que todos irão cantar. Na maioria das vezes após fazer esta rotina, o livro estava presente, no tempo que estive fazendo a observação a educadora usou 7 livros, seguindo uma seqüência no planejamento em que era: a escolha do livro para ela ler à elas, leitura do livro e o registro da história lida.

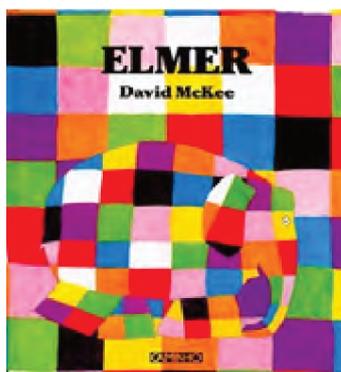
- **A escolha dos livros**

Ao chegar na manta a educadora já trazia o livro pré selecionado, nomeadamente no que diz respeito a mediação estabelecida entre a educadora e o uso social do livro. Colocava no colo o mesmo, ou deixava atrás dela para fazer surpresa, instigando a curiosidade das crianças, sendo que por vezes, ela dava a opção das crianças escolherem uma história de um dos livros que ela colocava como opção e que por vezes era induzido uma escolha, ou ela mesma acabava por definir qual era o melhor conforme a disposição de horário ou seu planejamento.

Educadora - olhem, a Mariana trouxe estes dois livros para eu ler para vocês (...) então... temos aqui o livro do “Arthur no mundo dos pássaros” e o “João e o Salticão”. Eu acho melhor nós ouvirmos a história do “João e o salticão” pelo adiantado da hora. (Registro do dia 11/7)

Educadora - meninos e meninas, olhem aqui, trouxe 2 histórias para ler, e vocês escolhem, qual vão querer. Uma é dos “Manos Papões”, é uma história de 3 irmãos e este livro só tem letras, sem figuras e a outra é do “Elmer e o arco- íris”. Para fazer a escolha, nós vamos votar... pode ser? (Registro do dia 15/7)

Figura 1 – Livro Elmer



Fonte: (MCKEE, 2006)

Ao fazer a votação, ela dá abertura para uma coparticipação das crianças, mas que no final as crianças escolhem o que a educadora induziu, como no caso do livro do “Arthur no mundo dos pássaros, João e o Salticão e Manos Papões e o Elmer”, explicando, no primeiro, sobre o adiantado da hora e o segundo no caso do livro os Manos Papões sem atrativo, e o Elmer, por si só já é atraente pela capa toda colorida, as crianças acabaram por escolher o “Elmer”. No caso do uso social do livro que a Mariana trouxe, houve a participação da família, e a educadora teve esta preocupação em trazer para a manta e ler o mesmo, valorizando o que a criança trouxe da sua casa.

A educadora neste caso deu abertura para o processo de escolha e votação do livro, com o objetivo do exercício da democracia e a construção da cidadania, sendo este um processo complexo que exige um esforço coletivo para que todos os agentes educativos contribuam desde a educação da infância. Conforme Sarmiento (apud Vasconcelos, 2007, p. 112) escola é o primeiro pilar da «socialização pública das crianças», visão que é corroborada por Canário e Cabrito (apud Vasconcelos, 2007, p. 111), autores que sublinham a importância da construção da experiência escolar pelos próprios atores sociais como importante fator de aprendizagem da cidadania.

A questão que aqui se coloca, é que há uma relação de poder, como no caso da votação dos dois livros acima exemplificado, a educadora aparentemente coloca em votação, e o livro, neste caso poderia ter sido usado para os momentos de uma real participação das crianças, mas no fundo ela induziu a votarem neste ou naquele livro, conforme o seu suposto planejamento.

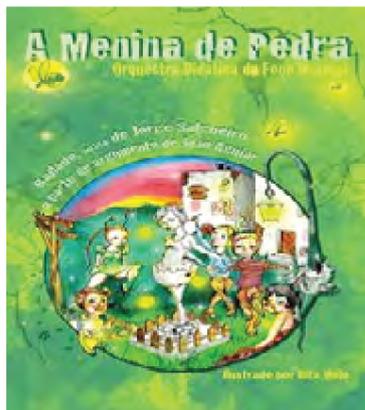
No exemplo do livro “A Menina de Pedra e a Quinta da Amizade”, a educadora já tinha pré-selecionado os livros quando trouxe à manta para as crianças votarem, fazendo uma expectativa com relação a eles,

Após fazerem a rotina, a educadora tirou de trás dela dois livros: “A Quinta da Amizade” e “A Menina de Pedra”. Fez uma votação para ver o que a turma queria, e venceu “A Menina de Pedra”.

Educadora – olhem, pela votação, ganhou “A Menina de Pedra” (Registro do dia 11/9).

Neste, apesar da educadora já ter vindo com os livros pré-selecionados, as crianças tiveram o poder do voto e ficou o que elas escolheram, o livro “A menina de pedra”.

Figura 2 – A menina de pedra



Fonte: (SALGUEIRO, 2011)

Nesta linha de pensamento, o jardim de infância é e poderá ser o segundo lugar enquanto organização social e experiência democrática na vida da criança. Ela deixará de ser o centro, para se tornar um entre outros, vai aprender trabalhar em grupo, ter autonomia, resolver os conflitos e problemas de uma forma participativa, recorrendo ao adulto como mediador quando necessário. (VASCONCELOS, 2007, p. 12)

No entanto ao motivar a criança para a literatura sempre que possível devemos incluí-la na participação, colaboração e escolha dos livros, e principalmente respeitando as suas opções, pois “a hora da contação de história” e a animação da leitura são, segundo Rui Veloso e Leonor Riscado (2002, p. 28 apud Rodrigues, 2008 p. 48), “duas excelentes propostas passíveis de gerar e fazer crescer leitores indefectíveis porque ouvir ler e ler, mergulhar em sucessivos banhos de livros são formas privilegiadas de partilha e de enriquecimento estético, emocional e intelectual”.

Leitura dos livros

Ao anunciar “Meninos! Roda!” a educadora estava na maioria das vezes disponibilizando para as crianças um momento de interacção entre elas, as crianças e os livros, apesar de a educadora anunciar que não era obrigado a ficar na manta quando a criança demonstrava com o olhar ou com corpo que não estava a fim de ficar naquele local, acabava ficando mesmo assim. Muitas das vezes alguma ou outra criança acabava por pegar um brinquedo que estava a mão ou ficava cutucando o amigo que estava sentado do seu lado,

Marta estava distraída e ficou mexendo na caixa de quebra cabeças que estava atrás dela em uma estante. Educadora – Marta, vamos olhar aqui? Sendo uma forma de estar ali somente fisicamente, noutras vezes a educadora cabava ignorando-os. (Registro do dia 15/7).

Nos usos sociais do livro por parte da educadora, foram utilizados 7 livros para desenvolver as áreas de conteúdos curriculares, estando em maior ênfase a Linguagem oral e escrita em que foram usadas 30 vezes, destas, 24 foram para explorar o vocabulário e a formação pessoal e social (32). Já na área das expressões, na dramática foram 24, plástica 17 e musical e motora 10, na matemática e meio ambiente (5) cada uma. Os usos sociais dos livros foram usados para desenvolver estas áreas e no livro “Elmer” que foi utilizado para desenvolver a matemática e plástica com o uso de um desenho fotocopiado, neste as crianças pintaram e contaram os quadrados do Elmer, com este livro, a educadora poderia ter utilizado na formação social, se utilizando das cores para abordar as questões de etnias, inclusão, entre outros e não se deter somente a linguagem plástica e matemática.

- **Ler e explorar imagens**

Sentada na manta em roda junto das crianças e com o livro virado para si, a educadora começava por ler a primeira página, depois virava e mostrava para as crianças e assim em sequência com as demais páginas do livro. Enquanto contava a história estava sempre chamando a atenção das crianças para estarem atentas ao que ela lia, ou então era chamado atenção para as regras ao ouvir histórias, sentados com pernas cruzadas e em silêncio

Na posição de etnógrafa pude perceber que muitas vezes o encontro na manta representava a hora da leitura de histórias e o uso social dos livros, e que a partir dela, a educadora fazia todo o seu planejamento diário, se pautando no currículo do Ministério da Educação.

Com efeito, era frequente, durante a leitura das histórias, ou após o seu término, a educadora costumava parar de ler para questionar as crianças sobre o significado das palavras,

Começaram a poluir...o que é poluir? Educadora – e as árvores que aqui estão, como ela estão? Crianças – queimadas - Educadora - Por que será que elas queimaram? Crianças - botaram fogo. Educadora - a gente deve fazer isso? Queimar ou poluir a floresta, a natureza? (Registro dos dias 17/6-21/6).

Nestas ocasiões era habitual que as questionasse sobre o que estavam vendo, quase que uma

a uma, instigando-as sobre o tema, que conforme os registros, se referem a educação ambiental, caso e, muito em particular sobre o conhecimento que têm do vocabulário abordado no livro, ou sobre a interpretação da história, lançando na maioria das vezes perguntas fechadas, nomeadamente perguntas com respostas diretas, com o intuito de relembrar e ou avaliar. Ao terminar de ler uma página, mostrava as figuras passando o livro na frente delas para verem melhor.

No entanto, “estas capacidades e disposições são especialmente desenvolvidas em situações de avaliação formativa, tais como colocar perguntas, dar feedback, partilhar critérios, auto – avaliar-se e ser avaliado por colegas” e educadores. (BLACK, 2003 apud FOLQUE, 2012, p. 80)

Muitas das vezes a educadora ao fazer as perguntas e tendo resposta positiva das crianças, Educadora – sim, e o que mais? Lara – uma menina. Educadora – boa...,devolvia reforços positivos à elas, com intuito de aumentar a auto estima e ou fazê-la perceber que poderiam melhorar.

Mas, por outro, se o elogio não for bem utilizado pode ter uma influência negativa, ser uma espécie de droga que, em vez de fortalecer os alunos, os torna passivos e dependentes da opinião dos outros”(DWECK,1999, p. 4 apud FOLQUE, 2012, p. 95)

O feedback é considerado um aspecto essencial da interacção pedagógica, pois transmite informações relativas ao currículo explícito e implícito e às expectativas que o professor tem das crianças. A natureza do feedback também mostra as relações de poder nas actividades de ensino/ aprendizagem e tem impacto nas disposições das crianças para aprender (motivação, reacção ao insucesso ou à dificuldade), bem como nas duas identidades como aprendentes (FOLQUE, 2012, p. 94).

Ainda no momento da leitura de histórias a educadora utilizava palavras do próprio livro para trabalhar a fonética e a separação silábica:

Então, vamos cantar as sílabas... Sal-ti-cão! - à medida que fala pausado e bate palmas para cada sílaba. Agora João, Jo-ão, bateu duas vezes as palmas. Agora macacão... ma-ca cão! Rafael bateu rápido as palmas. Educadora - não Rafael, vamos fazer junto comigo. ma... ca... cão. Rafael – ma..ca..cão soletrou e bateu as palmas junto com a educadora, então acertou. (Registros do dia 11/7).

Nesta descrição do desempenho e competência sobre a tarefa fonológica, permite analisar a consciência que as crianças possuem ao detectar as sílabas da palavra. [...] “Todos os estudos neste domínio nos indicam que as crianças de idade pré-escolar conseguem apresentar um relativo suces-

so em tarefas silábicas (ou conseguem-no facilmente após um mínimo de instrução”[...], (ME, 1997, p. 50).

Em suma, a educadora se utilizava do livro para trabalhar as áreas das Orientações Curriculares como por exemplo: a linguagem matemática, as expressões, formação pessoal e social e as demais áreas.

- **Ler com CD**

Sentada na manta com o livro em mãos e o aparelho de som ao lado, iniciava a leitura, no decorrer do contar a história a educadora utilizava o CD, ia mostrando em simultâneo as figuras no livro e, dependendo da história, fazia o uso de instrumentos musicais, de sons utilizando o próprio corpo, ou da dança, trabalhando a linguagem musical - ritmos e cantos - bem como a expressão dramática.

Com estas estratégias a educadora conseguia prolongar a história e manter a atenção das crianças por um longo tempo, por volta de uma hora de duração, fazendo perguntas direcionadas no decorrer da leitura, mantendo-se as perguntas fechadas, exploração vocabulário, meio ambiente, entre outras áreas das Orientações Curriculares.

Na expressão dramática se utilizava dos sons, ritmos, movimento com o corpo, muitas das vezes as crianças permaneciam sentadas em roda para a utilização dos instrumentos mantendo-se a regra para ouvir história, sendo chamado a atenção para isso.

Educadora - ok, vamos lá... tric... troc, fecharam a boquinha? Sentem- se agora e vamos ouvir e ver o restante da história... Posso começar a história? Hmm.... , acho que não ... a Irina e o Rafael não estão sentados direito com pernas a chinês. (Registro 17/6-21/6).

Em todas estas abrangências a educadora estava preocupada com formação social e pessoal, nas questões das regras, sentar, ouvir, estando presentes o currículo oculto.

Na maioria das vezes a educadora enquanto lia a história pedia para as crianças olharem para o livro, como forma de chamar a atenção delas para ouvirem a história. Educadora - ouçam...vou ler (...)vamos lá... ouvir mais um pouco...(..). Além de mostrar o livro e utilizar o CD, ela usava os instrumentos musicais para acompanhar a música da história e assim, conseguir manter a atenção das crianças por mais tempo, pois usar os instrumentos, era algo que as crianças gostavam muito. No entanto, mais uma vez a educadora se utiliza do livro, mas, de uma forma mais lúdica e prazerosa

para fazer a abordagem curricular, e avaliação do conhecimento que as crianças tem.

Registrar a história

Após ter lido a história na manta, a educadora solicitava às crianças irem para a mesa de trabalho para fazerem atividades, com referência ao livro, havendo muitas das vezes um prolongamento da mesma. As crianças representaram a história lida através do desenho, ou coloriam a figura fotocopiada, posteriormente recontavam a história para a educadora escrever na mesma folha em tinham produzido o desenho, sendo esta, uma forma de verificação do entendimento e interpretação das crianças com relação a história lida.

Nesta exploração dos conteúdos veiculados pelo livro, foi frequente o recurso à expressão plástica, como meio das crianças representarem e comunicarem o que vivenciaram ao ouvir a história lida pela educadora, especificamente realizadas com desenhos da própria criança ou pintura de uma figura fotocopiada que a educadora fornecia.

Ao solicitar às crianças o registro gráfico da história que acabara de ser lida, como no exemplo do “Senhor Mago e as suas Folhas”, a educadora estava incentivando o desenvolvimento da consciência fonológica na mediação da linguagem- linguagem escrita. As Orientações Curriculares recomendam a exploração por parte das crianças da estrutura sonora das palavras, enquadrando-a num trabalho lúdico sobre a linguagem, procuram sensibilizar os educadores para actividades específicas que conduzam as crianças a reflectir sobre os segmentos sonoros das palavras” (ME, 1997, p. 54).

Figura 3 – A menina de Pedra



Fonte: Criança (2014)

Na expressão plástica a criança está em contacto com diversos materiais, isso implicará no controle da motricidade fina, estando relacionado com a questão motora, para isso o educador deve seleccionar o material a ser utilizado pelas crianças.

No caso da minha pesquisa etnográfica a educadora se utilizou do desenho fotocopiado para pedir às crianças que representassem a história lida, através da montagem do cenário da história, conforme mostra a figura ao lado na atividade, como se pode perceber, apesar do adulto direcionar o trabalho, esta criança cria um elemento a mais na sua produção, distinto do que a educadora lhe forneceu para montar o cenário, neste, a criança se tornou um agente ativo da sua produção, em que ela ampliou o desenho a partir do que ela experienciou individual e socialmente, gerando uma atividade nova ao desenhar mais um elemento para o cenário, demonstrando sua capacidade de agência, para além disso esta criança quebrou a regra, não ficou só em colorir e recortar a figura, ela fez outro desenho, (a bruxa) e acrescentou no cenário.

Durante a realização destes desenhos e pinturas assiste-se a uma intensa interação entre as crianças, ao sentarem-se para iniciar a atividade, aos poucos foram interagindo partilhando materiais, socializando dos seus desenhos ou havendo resolução de seus problemas em relação a cor mais adequada na pintura da sua figura entre outros.

Ines – esta é rosa -, mostrando como se deve pintar o braço da bailarina para Gustavo que é uma criança com idade inferior à dela e que estava pintando de azul. Gustavo olha para ela mas continua a pintar com a mesma cor.

Xavier – o meu é de amarelo -, mostrando para Gustavo.

Ines - não Gustavo, este é de vermelho...- mostrando na boca da bailarina

Xavier – sim a minha é de vermelho – olha para Ines, mostrando à ela.

Xavier – olha o meu pirilampo é amarelo - mostrando para Gustavo, Ines -entreviu e falou para os dois: não são pirilampos, são pássaros. Xavier – é mesmo! - concordou com ela.
(Registro do dia 19/9- 13/9)

Estas situações requerem um planejamento prévio do educador, possibilitando às crianças uma variedade de cores para efetuar a pintura e poder escolher a que mais lhe agrada e fazer o uso destas, na abordagem do Ministério da Educação deixa claro que “A identificação e nomeação das cores, a mistura de cores básicas para formar outras, são aspectos da expressão plástica que se ligam

com a Linguagem e o Conhecimento de Mundo” (ME, 1997, p. 63) estando relacionada com a expressão motora, implicando no manuseio de materiais e técnicas que vão desde o desenho, pintura, modelagem, recorte e colagem, entre outras como demonstra a tabela da síntese sobre as áreas curriculares trabalhadas nos usos dos 7 livros durante a minha observação de cariz etnográfica.

A escolha do livro de história sempre estava atrelada à alguma área do currículo ou ao seu planeamento prévio, como no exemplo abaixo em que a educadora trabalhou a entrada do outono com a história do “Senhor Mago e as suas Folhas”, posteriormente a leitura do livro ela solicitou às crianças que fizessem o registro da história, a criança desenhou e depois com o auxílio da educadora escreveram a história, nesta tarefa de interpretação que as crianças tiveram que fazer, fica claro o ofício de aluno, e a preocupação da educadora em lhes dar acesso as formas de registro.

Figura 4 – Representação da História “Senhor Mago e suas folhas”



Fonte: Criança (2014)

A Menina de Pedra – do livro ao teatro

Ao usar o livro, muitas vezes a educadora se utilizou de histórias gravadas em CD, neste caso, a educadora fez o uso social do livro para montar um teatro junto com as crianças.

Educadora - vocês lembram-se da “Menina de Pedra”? Então... nós vamos fazer um teatro com ela. Querem? Crianças - simmmmm.

O teatro da “Menina de Pedra” foi uma sugestão da educadora para as crianças, após ela ler a história, perguntou à elas se tinham interesse em fazer o teatro, então as crianças responderam que sim, no decorrer daqueles dias, ensaiaram algumas vezes e depois apresentaram aos pais.

Os momentos dos ensaios eram levados com muita seriedade, com as regras instituídas, como sentar com pernas a chinês, ouvir os comandos da educadora, principalmente no que dizia respeito à hora de parar de tocar os instrumentos, de fazer os movimentos corporais e cantar na hora certa, conforme as orientações da educadora e a sequência da história.

Na expressão dramática, o teatro como é citado, envolve muito mais do que simples reprodução de movimentos sugeridos pela educadora, ela proporciona percepção do corpo em movimento, possibilita a criança relacionar-se consigo e com o outro no meio social cultural que está atuando. Marques (2003) defende que a expressão dramática auxilia no reconhecimento do próprio corpo, constrói autonomia corporal, sobre tudo criações individuais e coletivas, auxiliando a criança no seu relacionamento com os demais na sociedade, ou melhor, uma educação do ser social.

Concordando com Marques (2003), é essencial pensarmos na vivência da expressão corporal, ou teatro, não apenas para apresentação à comunidade, mas como um conhecimento artístico construído, de autonomia e potencial criador, de forma que a criança tenha a oportunidade para vivenciar de uma forma lúdica e prazerosa e não apenas levar a criança a exaustivos treinos sem ter autonomia dos movimentos.

Apesar de todas estas regras instituídas pela educadora, as crianças levavam como uma brincadeira, elas se divertiam muito junto dela, cantando, dançando e usando os instrumentos musicais. Depois de muitos dias de ensaio, finalmente chegou o dia da apresentação aos pais.

Educadora - só um pouco pais. ... olha isto aqui não será uma apresentação muito séria... vai ser uma brincadeira...está?! Pois para as crianças isto é uma brincadeira![...], antes de apresentarem ela deixou bem claro para eles, que o que as crianças e ela estariam apresentando era um teatro, mas em forma de uma brincadeira, aos poucos todos estavam apresentando na maior alegria junto com a educadora e a auxiliar educativa. Fecharam o teatro com a canção da Menina de Pedra. – Os pais aplaudiram e elogiaram muito seus filhos e as demais crianças e adultos. As crianças estavam orgulhosas da apresentação que fizeram. A educadora agradeceu os pais e se despediu deles, pois tinham que voltar ao trabalho ou para casa (Registro do dia 30/10).

Na apresentação foi realmente isso que aconteceu, a educadora e as crianças se divertiram muito apresentando para os pais o teatro “A Menina de Pedra”, sendo esta uma forma de trazer os pais para a escola e participarem.

No entanto, no decorrer de toda a observação a educadora se utilizou de 7 livros para abran-

ger as Orientações Curriculares, reforçando mais nas áreas da linguagem, expressão dramática e formação social, isso demonstrou uma preocupação e preparação para o ofício do aluno quando chegarem na escola primária.

Relações entre as crianças no manuseio dos livros

Quanto ao uso dos livros, este, está presente na rotina do dia, pois as crianças na primeira hora podem escolher o que querem fazer ou brincar, e em alguns momentos as crianças optam em sentar no sofá ao lado da estante para curtirem os livros. Neste caso pude observar diversas situações, conforme a tabela abaixo, na maioria das vezes a criança ficava sozinha folheando e explorando o livro, e na menor parte das vezes ficava em paralelo, ou em duos e trios na companhia dos colegas, folheando, olhando e explorando dispositivos ou até a ler para seus amigos em sua volta.

Nos dias que estive na observação, as crianças variaram mais vezes nos usos do livros do que a educadora, as crianças acessaram 42 livros, tendo como preferência o livro “Barulhos do Zoo”, que contém dispositivos para brincarem, a “Branca de Neve e Aladino”, “Uma aventura no jardim zoológico”, “Dinossauros”, “Dança dos golfinhos”.

Uso individual do livro

Individualmente, uma criança (Bianca) se sobressaiu no uso social do livro, ela usava o livro e o espaço da biblioteca, como um lugar de transição da sua casa para o sala do Jardim de Infância.

Bianca - entra na sala com seu pai, estava de férias na semana passada. Despediu-se do pai e ficou por ali observando tudo. Em seguida pegou o livro “Os bochechas” da estante dos livros e sentou -se à beira da mesa para vê-lo. Ficou folheando até terminar de ver tudo, guardou-o na estante dos livros e foi brincar na casinha com a Rita, Mariana e Rafael; - Bianca chegou com muito sono e não queria entrar, mas logo sentou no sofá, ao lado da estante dos livros, viu que não adiantava, teve que ficar. Pegou uma caixa que contém uma coleção do Scooby-doo com contos de terror e sentou - se no sofá ao lado da estante dos livros, com muita preguiça ficou ali folheando o livro, em seguida deitou e continuou a olhar o livro. (...) Bianca- fica ali no sofá deitada e folheando o livro sem falar nada, termina de ver todos, guarda-os na caixa e depois põe na estante e se joga no sofá, está com muita preguiça (Registro do dia 6/9, 9/7).

Esta transição de criança filho para criança do Jardim Infância era bastante lenta para esta

criança, ela tinha um ritmo diferente das demais, e isso ela demonstrou todas as vezes que chegava na sala, ela precisa de um tempo maior para se adaptar ao ambiente do que as outras crianças.

Nas situações em que as crianças estavam em paralelo ou individuais elas costumavam folhear, olhar e explorar dispositivos, trocando várias vezes de livro e fazendo a mesma coisa, tinham como regra sempre que ao terminarem de ver o livro, guardavam na estante.

Usos coletivos

Nos momentos coletivos a reprodução interpretativa estava presente nas brincadeiras de faz de conta e na leitura do livro realizada por Rafael, na brincadeira do faz de conta, surgiu o episódio da Eva, que usou o livro para brincar às escondidas (CORSARO, 2011).

Vamos brincar as escondidas? fala Eva para Mariana, se deitando e colocando o rosto no sofá. Depois se levanta e diz: - Oláá!!! Eu não quero brincar as escondidas! - diz Mariana. Eva- se levanta, pega um livro que contém duas histórias no mesmo livro: "A branca de neve e os sete anões" e "Aladim" e o coloca na frente do rosto. Depois o tira e diz: Mariana...oláá... - brincando às escondidas. Mariana -diz-lhe: - Sai, eu não quero! Educadora intervém e diz: - Olha não sei se estão lendo ou fazendo bagunça...Eva. senta-se imediatamente no sofá com o livro... (Registro do dia 12/7).

Neste episódio está muito claro a regra sobre o uso do livro na biblioteca, mas apesar disso Eva usou o livro para brincar de se esconder e não para ler, para ela o livro também é brinquedo. Nesta interação a criança reproduz uma brincadeira bem típica da cultura infantil, brincar de se esconder, usando o livro que tinha em mãos para fazer de conta que se escondia.

O livro, neste caso, não foi usado como um objeto de leitura mas acima de tudo como um objeto lúdico, um brinquedo que permitiu reproduzir elementos importantes das culturas infantis, a interatividade, a reiteração, a ludicidade e a fantasia do real (SARMENTO, 2004, p. 23). Neste episódio a Eva estava fazendo um convite a Mariana para compartilhar com ela a sua brincadeira, mostrando algo que estava sendo prazeroso. Esta é uma das ações sociais mais importantes para as crianças, o brincar, pois é brincando com outras crianças que ela compartilha e dá sentido e significado para o seu mundo. Tal como afirma Corsaro (2009, p. 55), "medida em que as crianças, por meio da brincadeira, objetivam nas ações significados derivados de suas experiências com um objeto qualquer, elas confrontam esses significados com outras crianças, e podem acrescentar informações,

modificá-las, fazendo emergir, no espaço da brincadeira, novos significados”.

Talvez por isso, Eva é chamada a sua atenção por parte da educadora que assim rediz a regra instituída e a normas a seguir no uso dos livros e do espaço da biblioteca.

No acontecimento abaixo assiste-se à reprodução interpretativa que as crianças, entre elas, fazem do uso dos livros pela educadora: o uso do livro pelas crianças está a representar a leitura, quando Rafael explicita “estou a ler”, reinterpretando a história através das suas imagens, ou quando Eva identifica e lê os números ajudando a amiga a fazer a contagem correta, em ambas as situações as crianças estavam reproduzindo e reinterpretando junto de seus pares.

Irina – Esta é a Branca de Neve! - diz mostrando a figura no livro. Eva - olha e começa a contar: - 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 anões. Irina - diz: – Uauuu! Que giro! 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8! Eva - Não! Ó..1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, viste?

Para além disso, estas crianças estão partilhando os seus saberes reforçando as suas interações sociais. Neste caso, também o apontar com o dedo no livro à medida que se reconta a história chama a atenção para reprodução interpretativa.

Rafael Senta-se no sofá e começa a recontar a história apontando com o dedos na palavras do livro. Rafael, “lendo”: - ... e depois viu o rio... - aponta com o dedo nas letras. “... e depois... Elmer montou o arco-íris e agora onde está o elefante?, referindo-se ao personagem principal da história que é um elefante chamado Elmer. Irina está sentada do lado dele ouvindo e tenta responder: - Está... está... Rafael não a deixa falar e continua: ... está escondido... e depois ajuda a colorir o arco-íris! - Gostaste? Olha para a... Vou contar outra vez. – Não... deixa eu! - diz a Irina. – Não, sou eu. - responde o Rafael. Depois pegou outro livro, “Uma aventura no jardim zoológico” para ler para a Irina.: - Um dia estava a levar o sapo para a água. O senhor disse para o golfinho: salta na água. E o golfinho saltou. O menino está a namorar a menina. – Não! O menino está a ver o pinguim...- diz a Irina para o Rafael– ... e depois do dinossauro estava na água..., e depois... e depois os esquilos estavam e saíram do buraco. - continua o Rafael. Irina – uhhh! Rafael- levanta os braços e diz para Irina: -...estou a ler! Carla - chega e senta-se no sofá para ouvir a historia que Rafael está “lendo”: – e depois os senhores saem para passear com o carro, e depois a zebra está a beber água, e depois a foca está no gelo e depois as pessoas estão a dizer tchau... e vitória, vitória acabou-se a história e chegou ao fim. Rafael levanta-se do sofá e guarda o livro. (Registro do dia 16/7).

O uso dos livros em espaços pré-estabelecidos está implicitamente intitulado, pois as crianças costumam manuseá-los no sofá da biblioteca, na manta e na mesa de trabalho e posterior o uso, guardam na estante dos livros. As exceções a esta regra de uso dos livros verificou-se apenas em

duas situações quando uma criança que utilizou um livro em uma brincadeira de faz de conta de piquenique no chão da sala e outra quando duas crianças estiveram brincando em frente à biblioteca com carrinhos, então a educadora chamou a atenção deles, questionando se ali era lugar de brincar ou de ler, eles prontamente saíram para brincar em outro lugar. Esta limitação quanto ao uso dos livros neste espaço, fica instituído como um espaço institucionalizado, sendo somente para o uso dos mesmos, e mais, livro não é brinquedo, ele tem seu estatuto próprio, não podendo ser confundido com outras brincadeiras ou brinquedos.

Em suma ao analisar a sala dos 4-5 anos do Jardim de Infância quanto aos usos sociais dos livros por parte da educadora, no que se refere ao adulto o diálogo intercultural aconteceu na “man-ta” e mesa de trabalho, em que a educadora direcionava o seu planejamento com base nas Orientações Curriculares se utilizando dos livros para atingir os objetivos.

Os resultados conforme tabela acima, demonstram que a educadora se utilizou de 7 livros como material de apoio para exploração das Orientações Curriculares enquanto às crianças tiveram acesso a 42 vezes aos usos sociais dos livros, conforme tabela acima. Na maioria das vezes as crianças estavam sozinhas ou em paralelo folheando, observando imagens e ou explorando os dispositivos, geralmente era feito no momento em que a criança estava a chegar da sua casa para a sala do Jardim de Infância, a criança se direcionava para a biblioteca e se utilizava do livro para ir se adaptando ao ambiente. Outro fator que chamou a atenção foi quanto as regras instituídas na biblioteca, toda vez que a criança usava o livro, ela o guardava.

Neste sentido conclui-se que as crianças fizeram muito mais vezes o uso do livro comparando com a educadora, faziam o uso do livro individualmente, em paralelo ou por vezes 2 a 3 crianças juntas manuseando um livro, sem a intervenção direta do adulto, prioritariamente na biblioteca e sobre tudo na maioria das vezes na entrada da sala, ou seja, a biblioteca era utilizada como transição da casa para o Jardim de Infância.

Enquanto pesquisadora, a experiência de cariz etnográfico em “estar com” as crianças permitiu ampliar a minha forma de vê-las e perceber como eram os usos sociais dos livros por parte das crianças e do adulto, isso tudo foi possível, porque fui tratada por elas enquanto “par delas”, criando um vínculo de amizade e poder perceber os usos sociais dos livros com maior profundidade.

Referências

- CHRISTENSEN, P.; JAMES, A. **Investigação com crianças: perspectivas e práticas**. Porto: ESEPF, 2005.
- CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artimed, 2011.
- CORSARO, Muller Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (Orgs.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. São Paulo. Cortez, 2009.
- DELGADO, Ana Cristina Coll, MÜLLER, Fernanda. Abordagens Etnográficas nas Pesquisas com Crianças e suas Culturas. In: **28ª Reunião Anual da ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, Caxambu, MG. CD Rom 28º ANPED. Rio de Janeiro: ANPED, 2005.
- FERREIRA, M. Os estranhos ‘sabores’ da perplexidade numa etnografia com crianças: In: CARIA, T. **Metodologias etnográficas em Ciências Sociais**. Porto: Afrontamento, 2003. p. 149-166.
- FOLQUE, Maria Assunção. **O aprender a aprender no pré-escolar: o modelo pedagógico do movimento da escola moderna**. [S.l.]: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.
- GRAUE, M. E.; WALSH, D. **Investigação etnográfica com crianças, teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações curriculares para a educação Pré-Escolar**. Lisboa: M.E., 1997.
- PAIVA, Sílvia Cristina Fernandes; OLIVEIRA, Ana Arlinda. A literatura infantil no processo de formação do leitor. **Cadernos da Pedagogia**. São Carlos. 2010, v. 4, n. 7, pp. 22-36.
- RODRIGUES, Carina Miguel Figueiredo da Cruz Rosa. **O livro no jardim da infância um olhar sobre obra de Luisa Ducla Soares**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade de Aveiro, Portugal, 2008.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. As Culturas da infância nas encruzilhadas segunda modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e Miúdos**. Portugal: ASA, 2002. pp. 9-54
- _____. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educ. Soc.** Campinas. 2005, v. 26, n. 91, pp. 361-378.
- SARMENTO, Manuel Jacinto; FERNANDES, Natália; TOMÁS, Catarina. Políticas públicas e participação infantil. **Revista Educação Sociedade e Cultura**. Braga, Portugal. 2007, n. 25, pp. 183-206.
- SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares (Orgs.) 2. ed. **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- VASCONCELOS, Teresa. A importância da educação na construção da cidadania. *Revista Saber e Educar*. Porto: ESE de Paula Frassinetti. 2007, n. 12, pp. 109-117.
- _____. Educação de infância em Portugal: perspectivas de desenvolvimento num quadro de Pós-modernidade. **Revista Iberoamericana de Educacion**. 2000, n. 22, pp. 93-115. Disponível

em: < <http://ricoci.org/rie22a05.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2014.